

RESENHA

LUTAS DE CLASSES NA RÚSSIA

Karl Marx & Friedrich Engels

Editora Boitempo, São Paulo, 2013

ISBN: 978-85-7559-349-3

É muito bem-vinda a publicação do livro *Lutas de classes na Rússia*, que reúne textos selecionados da obra de Marx e Engels nos quais são analisadas a situação social e as perspectivas colocadas para as forças revolucionárias russas entre 1875 e 1894.

O volume é composto basicamente por quatro textos: os textos de 1875 de Engels compilados com o título *Questões sociais da Rússia* (bem como seu posfácio de 1894); a imprescindível, embora não enviada, missiva de Marx à redação da revista russa *Otechestvennye Zapiski*, de 1877; a correspondência entre Marx e Vera Zaslitch de 1881 (apresentada junto aos esboços preparados por Marx antes de sua resposta final a Zaslitch e à introdução preparada por D. Riazanov para a primeira publicação dos rascunhos, em 1924); e, finalmente, o prefácio à segunda edição russa do *Manifesto comunista*, escrito por Marx e Engels em 1882. Todos foram traduzidos do original a partir das edições críticas que vêm sendo produzidas pela MEGA-2, tendo sido mantida destas, inclusive, a boa introdução que antecede cada um dos textos com informações sobre o contexto nos quais foram escritos e publicados originalmente.

A organização do livro ficou a cargo de Michel Löwy, que também assina uma breve introdução. Segundo Löwy, o material selecionado é expressivo da reorientação teórica de Marx (e em menor medida de Engels), que teria, por volta de 1877, abandonado qualquer viés histórico unilinear, etapista, determinista e eurocêntrico de sua juventude. Posturas como essa, tipificadas em Marx nos escritos sobre o “caráter

HUGO F. CORRÊA

Doutor em Economia, professor da Universidade Federal Fluminense e integrante do NIEP-Marx/UFF.

progressista” da ocupação britânica da Índia, da década de 1850, seriam agora superadas por afirmações como: “Quanto às Índias Orientais, por exemplo, todo o mundo [...] sabe que lá a supressão da propriedade comum do solo não passou de um ato de vandalismo inglês, que não impulsionou o povo indiano para frente, mas o empurrou para trás”. (p.108)

Para Löwy, o ensaio *Literatura dos refugiados V* de Engels, que abre a coletânea, guarda os sinais de um não declarado economicismo eurocêntrico, que ainda parece ver a Rússia como “último grande esteio de todo reacionarismo europeu ocidental”. Seria por tal razão que Engels não veria ali possibilidades revolucionárias antes que se constituísse plenamente uma ordem burguesa:

Somente em certo estágio do desenvolvimento das forças produtivas da sociedade [...] torna-se possível aumentar a produção a um nível em que a eliminação das diferenças de classe seja um verdadeiro progresso e possa ser duradoura [...]. Porém, as forças produtivas só chegaram a esse grau de desenvolvimento pelas mãos da burguesia. Sendo assim, a burguesia, também nesse aspecto, é uma pré-condição tão necessária da revolução socialista quanto o próprio proletário. (p.37)

O trecho abre margem para a polêmica da existência ou não de um “etapismo” no pensamento de Marx e Engels. Embora não seja este

o momento para um debate mais amplo sobre a questão, somos da opinião de que Marx e Engels já haviam, muito antes, delineado uma teoria da história absolutamente inconsistente com esta hipótese.¹ Sob esse prisma, a passagem supracitada poderia ser interpretada a partir da ausência de *condições de possibilidade* para uma revolução socialista na Rússia em 1877, o que não se confunde com um “etapismo” economicista. Talvez por isso, entende-se, não haja qualquer contraposição real na postura assumida por Engels na referida passagem e aquela do prefácio à segunda edição russa do *Manifesto comunista* (de 1882), onde Marx e Engels escrevem que a Rússia, reacionária durante a revolução de 1848-49, agora formava “a vanguarda da ação revolucionária na Europa”. (p.125) No posfácio de *Questões sociais da Rússia*, Engels retoma tanto a passagem supracitada quanto o prefácio do *Manifesto*, conjugando-os sem grande dificuldade: enquanto em 1881, ele e Marx acreditaram na capacidade do proletariado russo de desencadear a revolução social na Europa, em 1894, Engels retorna a seu ceticismo original, em virtude do rápido avanço do capitalismo na Rússia, sem entretanto abrir mão em momento algum do caráter aberto da história.²

Mas se o texto de abertura de Engels ainda é capaz de levantar polêmicas dessa natureza, o

mesmo não se pode dizer dos demais escritos que integram o livro e que certamente figuram entre os mais conhecidos e importantes de Marx e Engels sobre a Rússia. Marx dedicou um tempo substantivo de seus últimos anos de vida ao estudo de partes não-capitalistas do mundo, e a Rússia parecia interessar-lhe particularmente. Boa parte desse material permanece desconhecida, existindo cadernos que ainda não foram publicados em qualquer língua. (Anderson, 2010) Assim, os textos presentes no livro *Lutas de classes na Rússia* nos ajudam a entender um pouco da razão por trás do interesse dos autores pelo assunto, ao mesmo tempo em que (re)afirmam o caráter não teleológico e não linear de sua teoria da história com clareza desconcertante (para os críticos vulgares, evidentemente).

Nesse sentido, as cartas de Marx à redação do periódico russo e à Vera Zaslitch são as melhores notícias trazidas pelo livro. Em ambos os casos, vemos Marx dialogando com interpretações equivocadas de sua obra, difundidas entre os leitores russos – mas que poderiam ser contemporaneamente lidos para rechaçar tendências deterministas que continuam a deformar o pensamento marxista. Por isso, em uma passagem essencial da primeira missiva, Marx observa:

Ele [o crítico a que Marx respondia] ainda tem necessidade de metamorfosear totalmente o meu esquema histórico da gênese do capitalismo na Europa ocidental em uma teoria histórico-

filosófica do curso geral fatalmente imposto a todos os povos, independentemente das circunstâncias históricas nas quais eles se encontrem, para acabar chegando à formação econômica que assegura, com o maior impulso possível das forças produtivas do trabalho social, o desenvolvimento mais integral possível de cada produtor individual. Porém, peço-lhe desculpas. (Sinto-me tão honrado quanto ofendido com isso.) Tomemos um exemplo. Em diferentes pontos de *O capital* fiz alusão ao destino que tiveram os plebeus da antiga Roma. Eles eram originalmente camponeses livres que cultivavam, cada qual pela própria conta, suas referidas parcelas. No decurso da história romana, acabaram expropriados. O mesmo movimento que os separa de seus meios de produção e de subsistência implica não somente a formação da grande propriedade fundiária, mas também a formação dos grandes capitais monetários. Assim sendo, numa bela manhã (eis aí), de um lado homens livres, desprovidos de tudo menos de sua força de trabalho, e do outro, para explorar o trabalho daqueles, os detentores de todas as riquezas adquiridas. O que aconteceu? Os proletários romanos não se converteram em trabalhadores assalariados [...] e ao lado deles se desenvolve um modo de produção que não é capitalista, mas escravagista. Portanto, acontecimentos de uma analogia que salta aos olhos, mas que se passam em ambientes históricos diferentes, levando a resultados totalmente díspares. Quando se estuda cada uma dessas evoluções à parte, comparando-as em seguida, pode-se encontrar facilmente a chave desse fenômeno. Contudo, jamais se chegará

a isso tendo como chave-mestra uma teoria histórico-filosófica geral, cuja virtude suprema consiste em ser supra-histórica. (p.68-69)

Exatamente a mesma perspectiva antideterminista, antietapista etc. é apresentada por Marx em sua carta a Zaslitch quando afirma que “a ‘fatalidade histórica’ desse processo” – ele se refere aqui à *acumulação primitiva*, como descrita em *O capital* – “está expressamente restrita aos países da Europa ocidental”. (p.114) De fato, Marx havia ensaiado uma resposta bem mais longa e detalhada nesse mesmíssimo sentido nos quatro esboços que antecederam a versão final da carta.

Apesar de seu caráter fragmentário e notoriamente inacabado, esses esboços contribuem incrivelmente para entendermos por que o caso russo havia despertado o interesse de Marx. Zaslitch o havia confrontado com a questão sobre o futuro da comuna rural russa – explicando que parte dos “marxistas” russos afirmava, “como se fosse a coisa mais indiscutível”, que “a comuna rural [era] uma forma arcaica, condenada à morte”. (p.79) Marx se vê obrigado a responder tal perspectiva mostrando de forma taxativa que sua teoria não deveria ser associada às perspectivas modernizantes que viam na transformação capitalista da comuna rural uma expressão inevitável do progresso. Em todos os esboços, Marx mostra disposição para rejeitar veementemente tal leitura, apontando

reiteradamente para o fato de que a própria longevidade da comuna, que convivia então ao lado da produção capitalista na Europa ocidental, abria-lhe novas possibilidades:

De um lado, a propriedade comum da terra lhe permite transformar de modo direto e gradual a agricultura parceleira e individualista em agricultura coletiva [...]. De outro lado, a contemporaneidade da produção ocidental, que domina o mercado mundial, permite à Rússia incorporar à comuna todas as conquistas positivas produzidas pelo sistema capitalista sem passar por seus forçados caudinos. (p.94)

Mas, ao discorrer sobre estes problemas, Marx provavelmente se dá conta de que a questão carecia de um estudo mais detalhado e que, embora ele mesmo já tivesse se debruçado longamente sobre o tema das formas de propriedade comunal russas, não lhe seria possível dar ao texto uma forma acabada – em função do estado de saúde degradado em que se encontrava àquela altura da vida. Por isso, acaba optando por uma resposta sucinta que, não obstante, mantém inalterado o fundamental: “a análise apresentada n’*O capital* não oferece razões nem a favor nem contra a vitalidade da comuna rural, mas o estudo especial que fiz dessa questão, para o qual busquei os materiais em suas fontes originais, convenceu-me de que essa comuna é a alavanca da regeneração social da Rússia”. (p.115)

Perspectiva semelhante seria expressa por ele e Engels no já citado prefácio à edição russa

de 1882 do *Manifesto*, onde os autores, além de reafirmarem que a Rússia se encontrava na vanguarda da ação revolucionária europeia, concluem que “se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma revolução comunista”. (p.125)

O livro *Lutas de classes na Rússia* tem o mérito de facilitar o acesso do público brasileiro a um material de extrema relevância, preparado com cuidado numa boa (embora modesta) edição. Não é exato dizer, contudo, que se trata de um material inédito no Brasil. E não só porque dois dos textos que compõem o volume já haviam aparecido em outros livros da própria Boitempo, mas porque já tinham sido publicados no Brasil anteriormente. (Fernandes, 1982)

Por fim, parece-nos válida uma última nota, certamente menor, no que diz respeito à capa. Seguindo a linha de sua coleção sobre a obra de Marx e Engels, o livro traz na capa uma ilustração do competente Cássio Loredano que poderia ser irrepreensível não fosse a insígnia soviética posta (estrategicamente?) na testa de Engels. É evidente que talvez se trate apenas de uma brincadeira com um elemento visual que povoa o imaginário popular de quase todos que ouvem numa mesma sentença as palavras “Marx” e “Rússia”. Mas uma das grandes

virtudes da publicação é, precisamente, permitir o acesso à forma como Marx e Engels encararam a situação social russa sem a mediação criada pelas distorções do marxismo “oficial” soviético. E se é verdade que, de um lado, tais textos nos ajudam a compreender as perspectivas então postas para uma revolução, de outro, é bastante claro que nenhuma responsabilidade se pode atribuir a eles pelo caráter que assumiria, na era soviética, tal revolução.

Bibliografia

SALUDJIAN, A. et al. “Marx’s theory of history and the question of colonies and non-capitalist world”. In: *Proceeds of the IV Annual Conference in Political Economy*. Haia (Holanda), 2013.

ANDERSON, K. *Marx at the margins*. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.

FERNANDES, R. C. (Org.) *Dilemas do socialismo: a controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Notas

1 Já expressamos em outro momento nossas opiniões acerca da evolução do pensamento de Marx e Engels sobre o assunto, divergentes também com relação à perspectiva apresentada por Löwy na *Introdução*. Cf.: (Saludjian, A. et al., 2013)

2 Assim, Engels afirmava: “Não me aventuro a responder à questão se ainda terá se salvado dessa comunidade o suficiente para que ela eventualmente [...] se torne o ponto de partida de um desenvolvimento comunista em consonância com uma reviravolta na Europa ocidental”. (p. 142)